

O CRIME À LUZ DA TEORIA WINNICOTTIANA

2012

Joyce Borges Boamorte
Psicóloga do Sistema Prisional Paulista, especialista em Psicologia Jurídica (Brasil)

Email:
borgeskb@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem como objetivo compreender como o autor inglês Donald Winnicott entende o crime e o criminoso. De que forma teoriza e quais são os conceitos que usa para falar sobre o assunto, usando para este fim a revisão bibliográfica de algumas obras do referido autor.

Palavras-chave: Crime, tendência criminosa, comportamentos antissociais, privação

No tocante ao tema criminalidade Winnicott se refere ao termo “tendências criminosas ou antissociais” para expor suas ideias.

De acordo com Winnicott (1982a), existe uma fonte de agressão que seria muito primitiva e estaria ligada á própria motilidade natural já presente na vida intrauterina. O bebê teria uma tendência inata á agressão.

O bebê precisa conhecer seus limites, experimentar sua agressividade, para depois ser capaz de drenar o instintual. Isso envolve a capacidade crescente para reconhecer a própria crueldade e avidez e só então, podem ser dominadas e convertidas em atividade sublimada, nesse ponto pode-se dizer que a agressividade é quase sinônima de atividade, pois aquela deve ser extravasada quando encontre um momento oportuno.

Há no bebê uma ambivalência, pois ao “mesmo tempo que ele apresenta uma grande capacidade para a agressão, também tem uma capacidade para proteger quem ama de sua destrutividade” (Winnicott, 2005, p.97).

Se o ambiente fornece cuidados satisfatórios e se mostra capaz de reconhecer, aceitar e integrar essa manifestação do humano, a fonte de agressividade - que, no início, é motilidade e parte do apetite - torna-se integrada à personalidade total do indivíduo e será elemento central em sua capacidade de relacionar-se com outros, de defender seu território, de brincar e de trabalhar. Se não for integrada, a agressividade terá que ser escondida (timidez, autocontrole) ou cindida, ou ainda poderá redundar em comportamento antissocial, violência ou compulsão à destruição.

Para Winnicott (2005), uma criança expansiva, por exemplo, direciona sua agressividade para o exterior. Já uma criança tímida mantém a agressividade “dentro dela” e, portanto, torna-se tensa, excessivamente controlada e séria. Percebe-se que na criança sadia desenvolve-se, com efeito, a capacidade para colocar-se na situação das outras pessoas e identificar-se com pessoas e objetos externos. Ao contrário uma criança que se controla excessivamente pode ter condutas agressivas, uma explosão de raiva ou uma ação perversa.

Winnicott (2005) relaciona a tendência antissocial com a privação, isto é, a um fracasso específico no desenvolvimento da criança. A privação se dá quando o bebê ainda muito pequeno viveu uma experiência marcante de abandono e não deu tempo de ter desenvolvido na mente a capacidade de diferenciar o eu e o não-eu. As consequências da privação seriam o desenvolvimento das atitudes antissociais.

Ao reconhecer que “o ambiente lhe deve algo”, o bebê dirige sua agressividade preferencialmente para fora e, como já é capaz de reconhecer a mãe, é ela que sempre é visada. Com o passar do tempo, se essa situação não se resolve, os alvos passam a ser substitutos simbólicos da mãe. Daí o desenvolvimento do roubo sintomático, que funciona como se ele estivesse recuperando “algo que lhe é devido”.

O autor diz que a criança passa a buscar no exterior a continência que não obteve de seu ambiente. No seu mundo interno há dois fatos relacionados: a perda de algo que era bom e a falta de oportunidades dentro do próprio ambiente para recuperar o que lhe foi perdido.

Quando a criança começa a praticar atos antissociais, o meio em que ela vive pode ajudá-la a suportar tais tendências, reconhecendo que ela tem direitos e, assim, pode redescobrir o objeto bom. Mas, pode acontecer destas situações não ocorrerem e assim favorecerem a consolidação das tendências destrutivas dentro da estrutura da personalidade. Se o meio familiar não proporciona à criança à estabilidade da qual ela necessita para o suprimento de suas carências, ela vai então, buscar fora, na sociedade. “A criança que rouba, não está procurando usar o objeto de que se apodera, está procurando uma pessoa, está procurando sua própria mãe, e ignora-os” (Winnicott, 1982b, p.185).

A mãe pode ou não estar ainda presente, pode ser suficientemente boa, mas do ponto de vista da criança, algo está faltando. A criança que rouba é uma criança em busca da mãe, ou da pessoa de quem ela tem o direito de roubar. (Winnicott, 1985).

Segundo Winnicott (2005), é normal que durante a adolescência exista um certo grau de tendência antissocial presente nas características desse momento da vida. Em seu movimento de autoafirmação, há necessidade de se contrapor aos que lhes são referência e de desqualificá-los.

Existe uma relação entre a tendência antissocial na infância, a delinquência na adolescência e a personalidade psicopática no adulto. Percebe-se que a agressividade permeia todo o desenvolvimento humano. E se ela não encontrar o limite necessário irá se estender a encontrar, nem que seja a cela de uma prisão.

Winnicott (2005) considerava que a tendência antissocial na infância e a delinquência durante a adolescência sempre podem se curar, chegando mesmo a interpretar os sintomas típicos dessas duas situações como um sinal de esperança, uma vez que funcionam como um apelo dirigido ao outro, e, portanto contém uma expectativa de resposta. Os casos que se transformam em quadros psicopáticos são justamente aqueles que perderam as expectativas e entram numa situação irreversível depois de vários anos de frustração e decepção. Ainda assim, esses indivíduos mantêm algumas peculiaridades que identificam traços das suas origens, como a dissociação, o fato de não cometerem crimes em público e de sempre fazerem questão de deixar pistas do que fazem.

A função paterna, ainda que secundária, exerce um papel importante na prevenção dos atos antissociais, pois é o pai que oferece apoio emocional à mãe, que possibilita que ela possa desempenhar o papel materno satisfatoriamente. Cabe aos pais impor limites e proporcionar um ambiente seguro e confiante para que a criança possa expressar tanto sua agressividade quanto sua criatividade.

Pode-se perceber que para Winnicott o crime, ou seja, as condutas criminosas ou atos antissociais, são sinais de que algo não vai bem no indivíduo, seria um pedido de socorro. Analisar os aspectos psicológicos de quem comete estes atos é de suma importância para melhor entendê-los e assim traçar um plano de atendimento mais eficaz e construtivo para cada indivíduo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

WINNICOTT, D.W. **Tudo começa em casa**. trad. Paulo Sandler. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Privação e Delinqüência**; trad. Álvaro Cabral; rev da tradução Mônica Stahel. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Da Pediatria á Psicanálise**. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, (1982a).

_____. **A criança e o seu mundo**. RJ: Ed. LTC, (1982b).